

ECONOMIA INFORMAL: Uma análise da rua do comércio de Santa Inês-MA¹

Claudio Sousa Figueiredo²

Instituto Federal do Maranhão. Santa Inês, MA

Willian Ferreira Martins³

Instituto Federal do Maranhão. Santa Inês, MA

Ana Paula Amorim de Souza⁴

Instituto Federal do Maranhão. Santa Inês, MA

Vinícius Sousa de Oliveira⁵

Instituto Federal do Maranhão. Santa Inês, MA

RESUMO

O presente estudo apresenta resultados de uma pesquisa realizada entre o período de julho de 2018 a julho de 2019 que procura identificar o perfil socioeconômico do empreendedor do comércio informal da rua do comércio da cidade de Santa Inês-MA. A partir de um levantamento exploratório e descritivo, investigou-se 192 empreendedores que atuam de maneira informal da área pesquisada. Quanto a sua natureza, o estudo consiste de maneira quantitativa e qualitativa, uma vez que procurou por meio de questionários e entrevistas realizar o levantamento dos empreendedores, descrever os elementos encontrados. Com a apreciação deste recorte, a pesquisa permitiu perceber que o comércio informal é bastante diversificado, que vai desde produtos de gêneros alimentícios a produtos da linha tecnológica e com uma carência muito grande de orientação na condução do negócio, por parte dos empreendedores. O estudo aponta ainda que a grande maioria dos empreendedores são homens maiores de trinta anos de idade e exercem essa atividade por falta de opção.

PALAVRAS-CHAVE: Comércio Informal, Globalização, Empreendedorismo.

¹ Trabalho submetido para apresentação no IV Congresso de Administração de Santa Inês (IV CONASI), entre os dias 19 e 21 de setembro de 2019, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), em Santa Inês-MA.

² Mestre em Administração pela Fundação Pedro Leopoldo (FPL), docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), Campus Santa Inês-MA, e-mail: claudio.figueiredo@ifma.edu.br

³ Especialista em Gestão Pública (UEMA) e em Comunicação em Marketing em Mídias Digitais (Estácio), docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), e-mail: willian.martins@ifma.edu.br

⁴ Graduanda em Administração, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), Campus Santa Inês-MA, e-mail: anasouza.7@hotmail.com

⁵ Graduando em Administração, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), Campus Santa Inês-MA, e-mail: viniciussousa@acad.ifma.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O mundo globalizado em que vivemos, está cada vez mais desigual e com oportunidades de emprego cada vez mais reduzidas. O comércio informal é, e sempre foi a fuga para que pessoas possam desenvolver alguma atividade e conseguir alguma renda para seu sustento e, muitas vezes de sua família. O mundo do trabalho vem sofrendo enormes transformações e, com elas, às pessoas precisam se adaptar às mesmas. Conforme afirma Oliveira (2014), há uma percepção generalizada, a nível global, acerca das mudanças por que passou o mundo do trabalho nas últimas décadas, em especial na América Latina, e mais precisamente no contexto brasileiro para o escopo desse trabalho.

Ainda de acordo com Oliveira (2014), houve um desaparecimento dos postos de trabalhos provocados pela chamada, terceira revolução industrial, que nada mais é, segundo o autor a inserção de novas tecnologias nas formas de produção, com reflexos positivos e negativos. Os reflexos positivos são vários, aumento da produtividade, diminuição de custos com mão de obra especializada e maior diversificação de oferta de produtos. Contudo, não se pode deixar de mencionar os efeitos negativos que são: aumento do desemprego, elevação da pobreza e diminuição da renda.

Bonetto e Piñero (2000, p. 205) a ascensão de um “Sistema econômico assimetricamente interdependente”, as políticas econômicas neoliberais bem como as novas tecnologias produtivas, colocam em crise todas as conquistas construídas no mundo do trabalho nas décadas imediatamente anteriores, deixando obscuro o novo modelo que emerge dessas transformações.

O comércio informal, é dessa forma uma maneira que o trabalhador encontra para conseguir algum tipo de renda, de forma a satisfazer suas necessidades humanas. O objetivo deste trabalho é apresentar um perfil, tanto do comércio como do comerciante.

Os resultados apontaram para um comércio informal bastante diversificado e que, de certa forma, atende às necessidades da sociedade, até porque alguns produtos e serviços encontrados no comércio informal não são encontrados no comércio formal. Outra característica observada nos resultados da pesquisa foi a grande participação de mulheres nesse tipo de comércio. O que se verificou, também, é que os empreendimentos informais funcionam sem o apoio do setor público o que de certa forma, desestimula tal comércio.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A sociedade vem crescendo em uma velocidade imensa. Com esse crescimento vários problemas surgem, um deles é falta de espaço no mercado de trabalho. Essa falta de espaço no

mercado de trabalho formal faz com que as pessoas procurem alternativas para obterem uma renda para sustentação de suas famílias. Para a OIT (Organização Internacional do Trabalho) o setor informal é composto por aqueles que não possuem remuneração e autônomos. Vale ressaltar que os que não possuem plano de Previdência Social, por vezes, também são enquadrados nesse setor. (MENEGUIN E BUGARIN, 2008).

Segundo Dalberto e Cirino (2018), há muitos conceitos quanto a informalidade, e esses diversos conceitos nem sempre se complementam, por vezes se contradizem, o que dificulta a comparação de pesquisas nessa área. Porém, de acordo com uma tradicional definição os trabalhadores informais são os que não possuem carteira de trabalho assinada. Há também definições importantes que caracteriza os informais como aqueles que labutam por conta própria, ou/e que não contribuem para a previdência, conforme já citado anteriormente. Para os autores existe uma suposição de que a informalidade é de fato uma escolha por parte dos trabalhadores, e que os que permanecem nesta situação geralmente são os que possuem menores renda.

Segundo Amitrano e Squeff (2017, p. 516) o Sistema de Contas Nacionais do Brasil diferencia emprego informal e setor informal, o primeiro seria a qualificação dos postos de trabalho, já o segundo refere-se à estrutura produtiva.

Os resultados obtidos evidenciam que substanciais diferenças de rendimentos entre trabalhadores formais e informais se devem unicamente pela alocação entre tais setores, o que indica a ocorrência de segmentação nesse sentido. Verifica-se que os trabalhadores mais prejudicados por tal segmentação são aqueles com menores rendimentos, situados na base da distribuição. Tais trabalhadores são justamente aqueles em maior condição de vulnerabilidade e precariedade, pois, além de não poderem desfrutar dos benefícios providos por sistemas de segurança, sofrem prejuízos nos rendimentos por pertencerem ao setor informal. (DALBERTO, CIRINO, 2018, p. 450).

Existem muitas razões para se iniciar um negócio no mercado informal. Resultados de uma pesquisa sobre economia informal, aponta que umas das principais motivações de entrar neste ramo é a de que as pessoas são encorajadas pela oportunidade, pela independência financeira e aumento da renda. Dados desse estudo também apontam que os entrevistados possuem ciência de que certos elementos são importantes para a melhor fluidez dos negócios, como por exemplo, as habilidades interpessoais. Os mesmos afirmam, que essas possuem efeito sobre seus desempenhos nos negócios, e que a boa imagem é fundamental para credibilidade perante os clientes, fornecedores e também para com a comunidade. (SILVA, MARIANO, JOAQUIM; 2014).

É notório que mesmo na informalidade, há uma certa consciência de que são necessárias ferramentas de gestão ou conhecimentos técnicos mesmo que de modo superficiais são necessários para que haja maior eficácia nos resultados do negócio, exemplo disso, é o conhecimento de que as habilidades interpessoais são fundamentais para um bom desenvolvimento dos negócios.

Dentro da economia informal há um a gama de atividades exercidas, isto porque há nela uma divisão de áreas. De acordo com Amitrano e Squeff (2017) o setor informal é formado por oito áreas econômicas, sendo elas, indústria extrativa; comércio; indústria da transformação; construção civil; transporte, armazenagem e correio; serviço de informação, intermediação financeira seguros e previdência, e por fim outros serviços que abrangem uma grande quantidade de atividades não especificadas anteriormente.

Há uma crescente redução da informalidade nos últimos anos, por conseguinte uma redução de suas consequências para esses trabalhadores e para o mercado. Não se pode deixar de evidenciar que existem barreiras a formalização, e que essas barreiras geram danos aos trabalhadores em especial aqueles de menor renda. (DALBERTO E CIRINO 2018).

Segundo Hirata e Machado (2010) há alguns fatores que caracterizam a escolha ocupacional que existe entre mulheres e homens, relacionados ao foco comportamental. Essas características são explicadas através de variáveis. A primeira variável, é em relação à renda, quanto maior a renda habitacional per capita do indivíduo no intervalo de tempo passado, torna-se superior a chance deste ser informal no período corrente. A segunda variável chama-se chefe de domicílio, diz respeito ao trabalho doméstico. A mulher, principalmente as da categoria sem carteira profissional, possuem maior tendência de adentrar nesta área na modalidade informal. No caso dos homens, já não há esse mesmo efeito de tornar-se doméstico informal quando não possuem a carteira profissional, quanto a este gênero os números são bem menores.

Outra variável é a cor, os brancos possuem maior probabilidade em relação aos negros e pardos de serem informais, referente a categoria de trabalhadores sem carteira profissional. O próximo ponto é a idade, a maior parte do setor informal é composto pelos de maior idade, o que reflete na estratégia de manter-se frente ao desemprego. Além disso, a idade mais avançada por vezes é uma barreira para a conquista em um espaço no trabalho formal. No que tange a variável escolaridade, Hirata e Machado (2010), afirmam que os menos escolarizados possuem maior tendência a entrar na informalidade do que os escolarizados, mesmo que estejam sem a carteira profissional.

Dialogando com essas variáveis citadas anteriormente, há os pensamentos de Reis e Aguas (2014), em uma pesquisa os mesmos investigaram que há constatações acentuadas em

relação gênero, escolaridade e idade. Para os autores a diferença de gênero no mercado informal é demasiada, no que tange a transição para a informalidade. As mulheres transitam de forma mais intensa do desemprego para a situação de inatividade, quanto aos homens, o egresso da situação de desemprego para emprego é maior. Há diferenças de idade no que tange a presença das faixas etárias no mercado, algumas idades são mais acentuadas na presença de mercado do que outras idades, principalmente as mais avançadas. E por fim, nos resultados quanto a escolaridade, têm-se que a tendência de transição da situação de desempregado para empregado é mais frequente para os escolarizados. Já os com padrões educacionais mais baixos, quando conseguem sair da situação de desempregado, migram para empregados e empregados do setor informal, de forma bem mais acentuada do que os mais escolarizados.

Segundo Menguin e Maurício (2008), há de acordo com a teoria dos jogos, um equilíbrio entre o empregado contratado informalmente até o período em que o mesmo encontra um emprego de carteira assinada. Além disso, há uma tendência dos empregadores – em certas circunstâncias – optarem por manter seus colaboradores na informalidade mesmo acarretando danos trabalhistas posteriormente.

Não se pode negar que ainda há muitas barreiras para a total formalização da economia, mas é inegável a força que a economia informal possui, até porque a mesma é paralela ao desemprego, dentre outras variáveis. Não se pode deixar de investigar esse tipo de economia, já que possui papel tão considerável dentro da economia nacional.

3 METODOLOGIA

Para Gil (1999), o método científico é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos utilizados para atingir o conhecimento. Para que seja considerado conhecimento científico, é necessária a identificação dos passos para a sua verificação, ou seja, determinar o método que possibilitou chegar ao conhecimento. Já para Demo (1987):

A metodologia é uma preocupação instrumental, que trata do caminho para a ciência tratar a realidade teórica e prática e centra-se, geralmente, no esforço de transmitir uma iniciação aos procedimentos lógicos voltados para questões da causalidade, dos princípios formais da identidade, da dedução e da indução, etc.

Concernente à metodologia utilizada para a realização deste trabalho, a pesquisa pode ser classificada, quanto ao objetivo, como qualitativa descritiva, pois os dados coletados foram transformados em informações que descrevem claramente as realidades encontradas.

Para obtenção dos resultados foi necessário utilizar três instrumentos de coleta de dados: o primeiro foi a observação, que nos permitiu obter uma visão genérica acerca das

características dos comércios informais; o segundo foi um questionário fechado, onde foi possível fazer levantamento de dados mais específicos do comércio informal e o terceiro instrumento ou técnica foi a entrevista, técnica que permite comparar os dados coletados com o questionário e a partir daí compreender melhor. Quanto à análise dos dados, foi utilizado o programa Excel 2013 que permitiu uma melhor compreensão dos resultados.

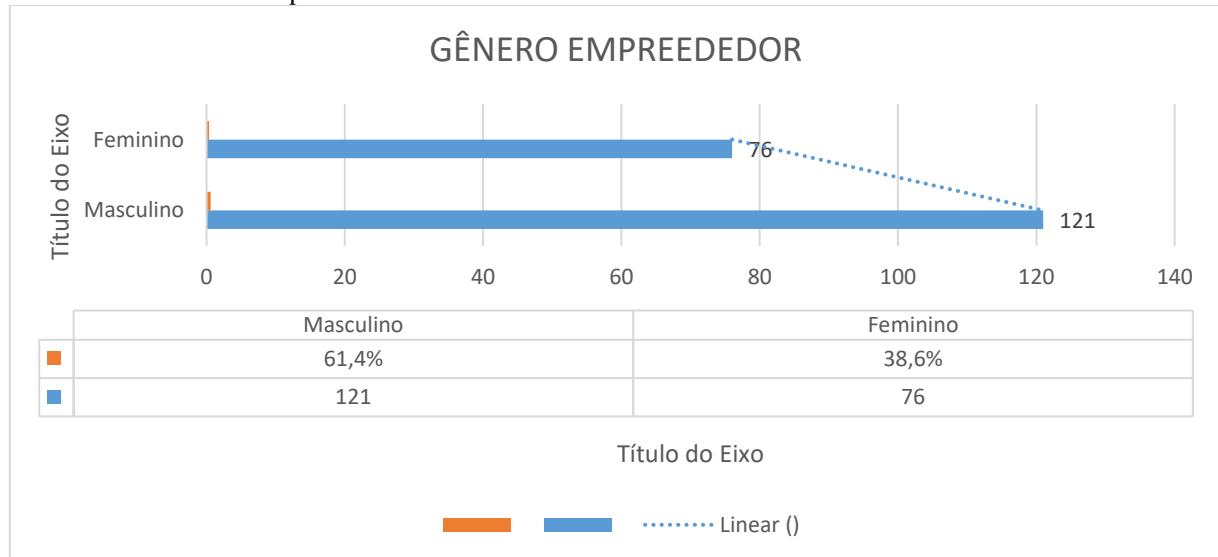
Os instrumentos de coleta de dados foram aplicados nos 197 (cento e noventa e sete) pontos comerciais informais, na rua do comércio de Santa Inês-Ma, no período de outubro de 2018 a março de 2019. Como limitação da metodologia, pode-se afirmar que o tempo não foi suficiente para investigação a um número maior de empreendimentos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados mostram que as empresas informais de Santa Inês possuem grande importância na economia local. Em cada um dos 197 (cento e noventa e sete) empreendedores, pode-se verificar que existem, no mínimo, duas pessoas trabalhando e com rendimentos em torno de um salário mínimo. Quanto aos resultados, dividimos da seguinte forma: dados do comércio e dados do empreendedor.

4.1 DADOS DO EMPREENDEDOR

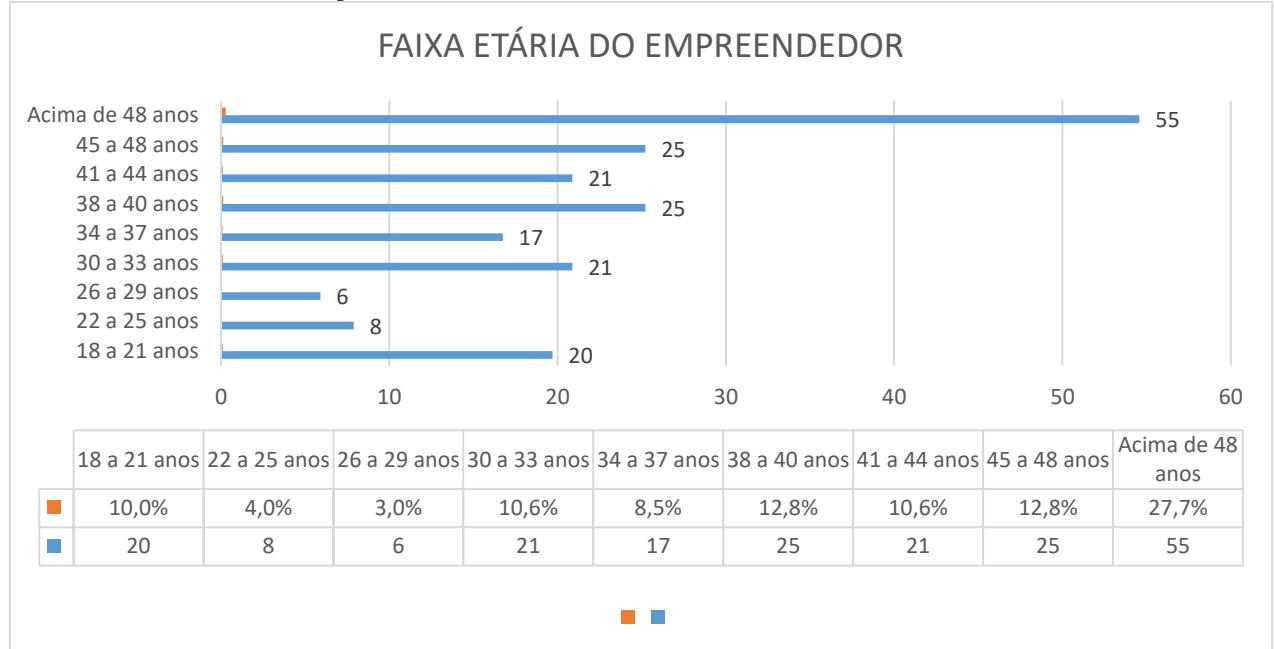
Gráfico 01: Gênero do empreendedor



Fonte: Autores (2019)

Conforme se pode observar, a maioria dos empreendedores, 121, equivalente a 61,4% fazem parte do gênero masculino.

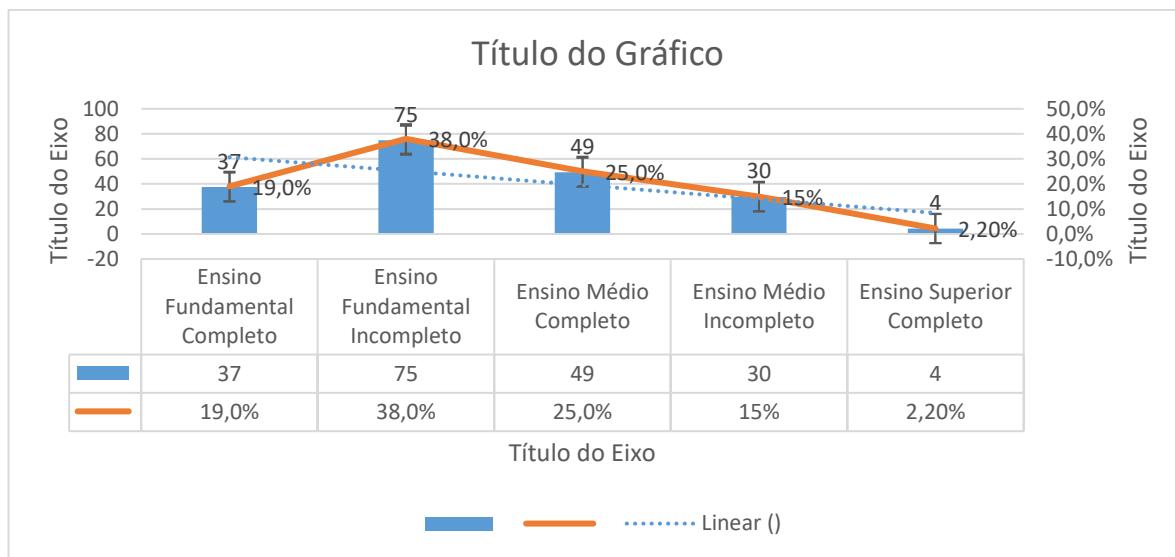
Gráfico 02. Faixa etária do empreendedor



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores, a partir da pesquisa

Conforme se verifica, a maioria dos empreendedores, 27%, está na faixa etária acima de 48 anos, isso pode ser explicado em função daquilo que já se sabe acerca do mercado de trabalho, a partir dos quarenta anos de idade, fica mais difícil conseguir uma colocação no mercado de trabalho. Essas pessoas, certamente, ficaram desempregadas e encontraram uma forma aquisição de renda no mercado informal. Assim, ratifica-se o que já foi comentado neste artigo, em seu referencial teórico, o mercado informal é uma saída para aqueles que estão fora do mercado de trabalho formal.

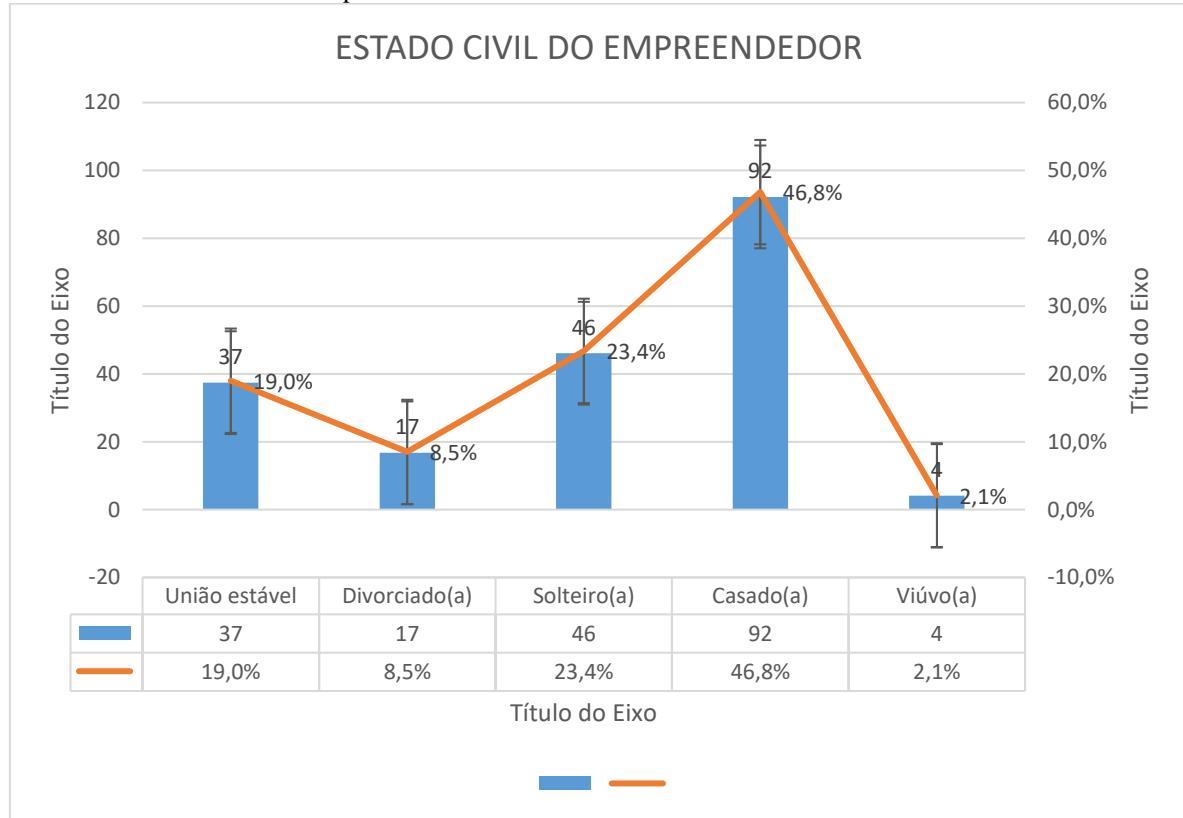
Gráfico. 03 Escolaridade do empreendedor



Fonte: Elaborado pelos próprios autores, a partir da pesquisa realizada

Concernente à escolarização, é possível observar que grande parte dos empreendedores informais, trinta e oito por cento, possuem apenas o ensino fundamental. Não foi possível traçar uma relação direta, mas é possível intuir que o nível escolarização tem influência na vida profissional.

Gráfico. 04. Estado civil do empreendedor



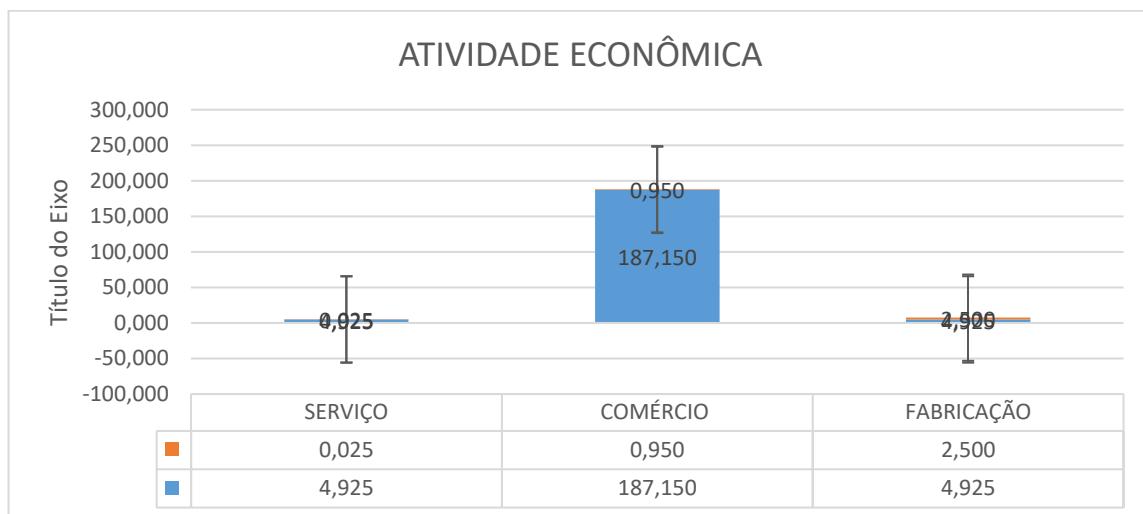
Fonte: Elaborado pelo próprio autor, com base na pesquisa

Observa-se que a maioria dos empreendedores, quase a metade, são casados. Isso mostra que os mesmos devem ter um pouco mais de responsabilidade com o negócio, visto que há o envolvimento de outras pessoas no negócio.

4.2 DADOS DO NEGÓCIO

Para melhor compreensão da pesquisa, foram coletadas informações acerca do negócio e do empreendedor, conforme já citado anteriormente, a pesquisa foi dividida em duas etapas, sendo a primeira direcionada às características do empreendedor. A segunda, foi direcionada, especificamente, sobre o empreendimento. Nos gráficos seguintes, pode-se observar algumas informações do negócio que permite ao leitor tirar algumas conclusões sobre os vários tipos de comércio informal de Santa Inês-Ma, especificamente os da rua do comércio, onde foi realizada a pesquisa de campo.

Gráfico. 05. Atividade econômica desenvolvida

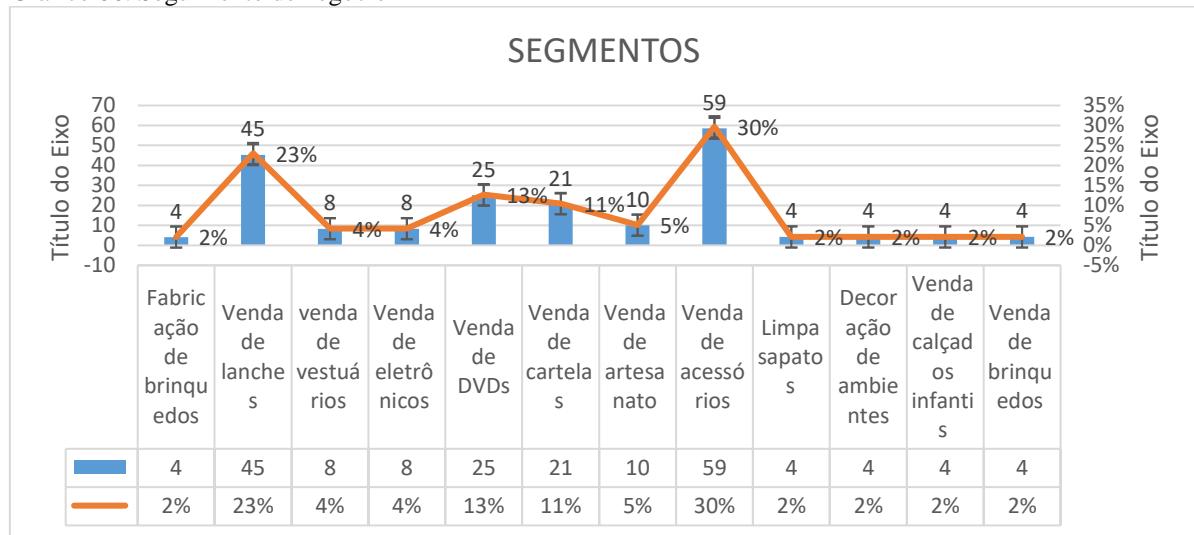


Fonte. Elaborado pelo próprio autor, com base na pesquisa

A pesquisa revelou que quase cem por cento dos entrevistados praticam alguma atividade relacionada ao comércio. Para melhor entendimento, o conceito de comércio utilizado nesta pesquisa se refere apenas aquela atividade onde o empreendedor, apenas, compra um bem de um terceiro e o revende ao consumidor final.

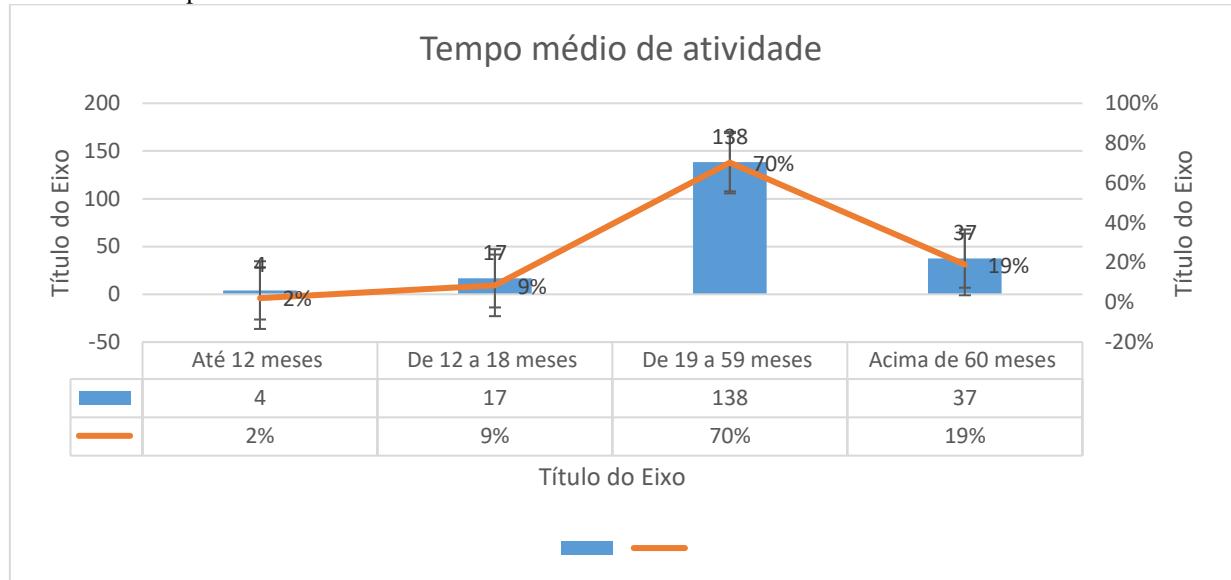
Além da aplicação de questionário, e com intuito de melhor entender os dados obtidos, a pesquisa se utilizou de outras técnicas como: observação e entrevista. Na observação, ficou claro que, tanto a prestação de serviços como a fabricação se tornam pouco viáveis, em função de alguns fatores como: espaço, infraestrutura e localização.

Gráfico 06. Seguimento de negócio



Fonte: Elaborado pelo próprio autor, a partir da pesquisa

Gráfico 07. Tempo médio de atividade



Fonte. Elaborado pelo próprio autor, com base na pesquisa

Conforme se pode verificar, possuem de dezenove à cinquenta e nove meses de atividade, apenas dezenove por cento estão há mais de cinco anos no mercado informal. Isso mostra que o comércio informal é bastante forte, pois os empreendedores conseguem se manter por pelo menos cinco anos de atividade.

Concernente ao faturamento e lucratividade média do negócio, não se pôde detectar com precisão, por falta de informações, lucratividade de cada negócio. Contudo, a partir das informações prestadas pelos empreendedores, verificou-se que o lucro médio de cada segmento, em média, gira em torno de R\$ 1.060,00 (mil e sessenta) reais, um pouco acima de um salário mínimo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A economia informal, como vimos, está diretamente relacionada com o nível de escolaridade, as oportunidades de emprego, a necessidade de subsistência, além de outros fatores vividos pelas pessoas. Com as grandes transformações no mercado, os trabalhadores devem buscar se adaptar a fim de conseguir alcançar novas oportunidades e sustentar a si e suas famílias.

Assim sendo, os principais desafios desta pesquisa foram a falta de material de apoio sobre os comerciantes locais, bem como o distanciamento desses em relação a cederem informações relevantes para o material da pesquisa, além de não comparecerem as reuniões de convocação e treinamento que seriam realizadas no campus IFMA Santa Inês a eles.

Contudo, mesmo com as limitações da pesquisa, foi possível, verificar, por exemplo que o lucro médio dos comerciantes de Santa Inês-Ma, da rua do comércio, fica em torno de R\$ 1.060,00 (mil e sessenta) reais e, por dedução e com base nessa informação, é possível inferir que a lucratividade do negócio é a própria rendado empreendedor e, portanto, pode-se afirmar que a renda global mensal, dos comerciantes informais da rua do comércio de Santa Inês-Ma, chega a R\$ 208.820,00 (duzentos e oito mil, oitocentos e vinte reais)

Diante desses dados, pode-se salientar que o comércio informal de Santa Inês carece de apoio dos governantes locais com a finalidade de melhorar sua localização, os estandes, o conhecimento técnico dos trabalhadores, dar-lhes o devido suporte para proporciona-lhes bem-estar social e aceitação de seu setor como responsável por produção de riqueza no município junto com outros setores e também informar a eles os benefícios que podem adquirir tornando legais seus empreendimentos.

Dessa forma, tendo em vista o distanciamento dos membros do setor pesquisado, elaboramos um folder informativo com dicas de como tornar seu negócio bem organizado e equilibrado financeiramente e levamos a eles com o objetivo de dar-lhes acesso a informações relevantes para seus empreendimentos.

Em suma, ressaltamos que a presente pesquisa teve como objetivo estudar a economia informal de Santa Inês e através dos resultados poder divulgar essas informações a classe acadêmica, bem como a toda a sociedade e as entidades interessadas. Ademais, essa pesquisa pode servir para futuras pesquisas sobre a temática na localidade servindo como material de apoio e auxílio aos pesquisadores posteriores e as demais instituições.

REFERÊNCIAS

- AMITRANO, Claudio Roberto; SQUEFF, Gabriel Coelho. Notas sobre informalidade, produtividade do trabalho e grau de utilização e seus impactos sobre crescimento econômico no Brasil nos anos 2000. Nova Economia. Vol. 27 n.3 p. 511-550. 2017. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaecnoma/article/view/2981>. Acesso em: 20 agos. 2019
- DALBERTO, Cassiano Ricardo; CIRINO, Jader Fernandes. Informalidade e segmentação no mercado de trabalho brasileiro: evidências quantílicas sob alocação endógenas. Nova Economia. Vol. 28 n.2 p. 417-460. 2018. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaecnoma/article/view/3191>. Acesso em: 20 agos. 2019
- HIRATA, Guilherme Issamu; MACHADO, Ana Flavia. Escolha ocupacional e transição no mercado metropolitano: uma análise com ênfase no setor informal. Economia Aplicada. Vol. 14 n.4 p. 299-322. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eco/article/view/1058>. Acesso em: 22 agos. 2019
- MENEGUIN, Fernando B.; BUGARIN, Maurício S. A informalidade no mercado de trabalho e o impacto das instituições: uma análise sob a ótica da teoria dos jogos. Economia Aplicada. Vol. 12 n.3 p. 341-363, jul/set. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eco/article/view/983/995>. Acesso em: 22 agos. 2019
- REIS, Maurício; AGUAS, Marina. Duração do desemprego e transições para o emprego formal, a inatividade e a informalidade. Economia Aplicada. Vol. 18 n.1 p. 35-50. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eco/article/view/83801>. Acesso em: 22 agos. 2019
- SILVA, Joysinett Moraes de; MARIANO, Sandra Regina Holanda; JOAQUIM, Silvio Medeiros. Comportamento empreendedor de proprietários de lan houses na comunidade rocinha, Rio de Janeiro, Brasil. Revista Contemporânea de Economia e Gestão. Vol. 12. n.3. p. 98 – 122, set/dez. 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/contextus/article/view/32213>. Acesso em: 20 agos. 2019